



FAITANIN, P. **A Sabedoria do Amor: iniciação à filosofia de Santo Tomás de Aquino**. Cadernos da Aquinate n° 2. Niterói: Coopergraf-K, 2008, pp. 56. ISSN 1982-8845.

por *Paulo Rogério Andrade* – Universidade Federal Fluminense.

“A sabedoria clama lá fora; pelas ruas levanta a sua voz”
(Provérbios 1:20)

Os nossos dias são marcados por inúmeras transformações: as percebemos no campo político, social, econômico, tecnológico e onde mais olharmos com a devida atenção. Tais transformações – que em sua ampla maioria não poderiam ser chamadas de ‘avanços’ – têm acontecido em grande velocidade e acabam por formar gerações que sempre anseiam pelo *novo*, pelo *moderno* e pelo *próximo lançamento*, seja ele qual for. Esta ansiedade é também fruto do quão distante a humanidade anda de sua verdadeira finalidade. E para lembrar a nossa real finalidade, podemos recorrer àqueles que de fato contribuíram para tal intuito. Sem dúvida, Tomás de Aquino foi um deles.

A segunda obra da série Cadernos da Aquinate, escrita também pelo Professor Paulo Faitanin, já se mostra valiosa em seu título. *A Sabedoria do Amor*, um trocadilho aparentemente ingênuo com a raiz etimológica da palavra ‘filosofia’ mas que, no entanto, mostra-se como um verdadeiro desafio a todos os que desejam sair de um “mero ‘amor à sabedoria’ a uma autêntica filosofia entendida como ‘sabedoria do amor’” (Faitanin, 2008, p.6).

Para tanto, a obra, que tem como objetivo recordar não só a doutrina de Tomás, mas a maneira como ela procurou estabelecer relações entre razão, ciência e fé, e, até mesmo, das demais correntes filosóficas. Não obstante, logo no primeiro capítulo vemos a condição da filosofia pós-moderna e sua crise moral, a luta entre o idealismo e o relativismo, além de umas breves palavras sobre o ‘despertar’ da razão na Antiguidade. Seguindo a mesma linha de exposição, observamos como se deu o encontro da razão com as Boas Novas da Salvação – a plenitude dos tempos (Gl 4:4) –, a filosofia medieval e o nascimento da Escolástica.

É no capítulo terceiro que a vida de Tomás ganha destaque: sua formação, suas influências e obras na construção da ‘sabedoria do amor’. Ao olharmos o tomismo devemos lembrar que antes de filósofo, o Aquinate era um cristão e, assim, sua filosofia tem como alicerce a Verdade e o seu esforço na conciliação entre razão e fé. “Por isso, sua doutrina não deixa de ser



filosofia por conciliar razão e fé e nem deixa de ser cristã por partir de legítimos esforços racionais” (Faitanin, 2008, p.19).

A análise do tomismo – e dos tomistas – expõe sua riqueza e variedade, por ser *atual* e ao mesmo tempo *perene*; suas diferentes matizes *abertas*, porém não *ecléticas*. O diálogo com diferentes correntes de pensamento se opera sem levar em conta a fonte (divina ou humana, cristã ou pagã), pois para Tomás, se toda verdade provém do Espírito Santo, não haveria sentido rejeitar quaisquer doutrinas em todos os seus aspectos. Tal postulação exige do estudioso um olhar desprovido de preconceitos, em relação às verdades bíblicas, ao tomismo e à Idade Média.

O último capítulo da obra é um verdadeiro resumo do método tomista em seus principais pontos da filosofia especulativa – cosmologia, antropologia, gnosiologia, lógica, linguagem, metafísica e teodicéia – e da filosofia prática – ética, política, história, religião, pedagogia e estética. Tais pontos nos conduzem não só ao pensamento de Tomás de Aquino, mas ao real intuito de cada um de nós: a busca incessante da Verdade, da sabedoria do Amor.